

PRÉ-REQUISITOS PARA DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE DIRECIONADO AO ENFRENTAMENTO DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Arthur Leon Pereira¹, Tânia Maria Gomes da Silva², Iara Carnevale de Almeida³, Marcelo Picinin Bernuci⁴

¹ Acadêmico do Curso de Medicina, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista do PIBIC/Fundação Araucária-ICETI-UniCesumar. arthurleonp@gmail.com

² Coorientadora, Doutora, Docente do Mestrado em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. tania.gomes@unicesumar.edu.br

³ Doutora, Docente do Mestrado Gestão do Conhecimento nas Organizações, UNICESUMAR.

⁴ Orientador, Doutor, Docente do Mestrado em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação - ICETI. mbernuci@gmail.com

RESUMO

O presente projeto insere-se nas discussões sobre a violência contra mulheres praticadas pelos seus parceiros íntimos durante condições de isolamento social como o apresentado durante a Pandemia da Covid-19. O projeto se direciona ao desenvolvimento de um protótipo de software capaz de auxiliar mulheres a buscarem mais facilmente apoio diante de situações de violência, notadamente aquelas ocorridas em períodos de isolamento social. Sendo assim, o objetivo primordial do presente estudo é identificar pré-requisitos necessários para o desenvolvimento do protótipo de software. O processo de desenvolvimento seguirá a proposta de LEAN START UP cujo diferencial é a construção interativa junto à “potenciais clientes” (neste caso, as mulheres). Assim se faz necessário o levantamento prévio de uma série de elementos e de necessidades do cliente (pré-requisitos) para a execução das etapas iniciais de desenvolvimento do software. A identificação dos pré-requisitos ocorrerá em duas etapas: 1. Revisão sistemática da literatura seguindo as recomendações metodológicas do PRISMA STATEMENT; 2. Identificação das necessidades das mulheres frente a resolução da temática proposta a qual será realizada a partir da aplicação de questionários para mulheres de uma entidade no Paraná. Os resultados obtidos subsidiam informações pertinentes ao delineamento do software a fim de apresentar uma proposta alternativa aos gestores do sistema de saúde e judicial para encontrar mecanismos que possibilitem a ampliação da rede de proteção às mulheres vítimas de violência, especialmente em situações de excepcionalidade, como as epidemias e pandemias.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; Pandemia; Violência contra a mulher; Violência por parceiro íntimo.

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, na província chinesa de Wuhan, iniciou-se a disseminação do novo SARS-CoV-2, vírus que ficaria conhecido como COVID-19 e seria responsável por milhões de mortes. Diante da gravidade da infecção e da característica de transmissibilidade deste, foi proposto pela Organização Mundial da Saúde - OMS (WHO, 2020) que o isolamento social seria uma forma de inibir a transmissão entre humanos, desacelerar o contágio e, conseqüentemente, diminuir e postergar o pico da curva epidêmica do COVID-19 (GARCIA, DUARTE, 2020). Ainda que seja uma das medidas mais eficientes no controle da pandemia, tal isolamento evidenciou e agravou uma outra emergência de saúde: a violência contra as mulheres.

Desde o estabelecimento das medidas de *lockdown*, ou seja, da restrição acirrada da circulação de pessoas, países ao redor do mundo divulgaram aumento nos dados de violência de gênero. França, Argentina, Chipre e Singapura são exemplos dessas nações, registrando elevação em média de 29,5% no índice de agressão (UN-WOMEN, 2021). No Brasil, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP, 2020, evidenciou que, entre março de 2019 e março de 2020, houve crescimento de 46,2% no número de feminicídios apenas no estado de São Paulo. Alguns fatores de risco estão relacionados à violência contra as mulheres, muitos deles agravados nos períodos de crise sanitária, como: baixa renda, desemprego, estresse econômico, depressão, insegurança emocional e isolamento social (EVANS, 2020). Tais fatos evidenciam a importância das reflexões futuras sobre como

realizar proteção às mulheres em situações de excepcionalidade, como as pandemias regionais ou globais, que exigem o confinamento social e que modificam a estrutura doméstica, deixando as mulheres mais vulneráveis.

Nesse aspecto, o presente estudo problematiza: que estratégias podem ser adotadas pelas redes formais e informais de suporte social para dar proteção às mulheres vítimas de violência, notadamente em momentos de excepcionalidade, como as epidemias e pandemias? Assim, como resposta a essa pergunta pretendemos aqui identificar pré-requisitos para o desenvolvimento de um protótipo de software capaz de auxiliar mulheres a buscarem mais facilmente apoio diante de situações de violência, notadamente aquelas ocorridas em períodos de isolamento social, como durante a Covid-19. Trata-se de uma tentativa de entender a magnitude da violência e buscar elaborar formas de ação para suporte às vítimas.

O presente projeto, apresenta, portanto, uma etapa preliminar e fundamental para o delineamento futuro de uma proposta tecnológica que facilite o enfrentamento do problema gerado pelo isolamento social na perspectiva da violência contra a mulher. O protótipo de software a ser delineado representa uma estratégia alternativa aos gestores do sistema de saúde e judicial para encontrar mecanismos que possibilitem a ampliação da rede de proteção às mulheres vítimas de violência, podendo contribuir para a construção de relações conjugais mais equitativas na perspectiva da equidade de gênero, culminando em melhores condições de vida para as mulheres, especialmente em situações de excepcionalidade, como as epidemias e pandemias.

Como esta questão é transversal ao contexto de segurança pública por violação dos direitos humanos, com impactos sobre a saúde e a qualidade de vida das vítimas, o projeto se ancora no setor de Segurança Pública da Área de Tecnologias Prioritárias do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e se insere dentro da institucionalização da promoção da saúde da mulher.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de delineamento misto (documental e descritivo transversal) destinado a identificação de pré-requisitos para o desenvolvimento de protótipo de software para apoiar o enfrentamento de violência contra mulheres durante situações de isolamento social. O estudo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira documental e a segunda descritiva transversal. O projeto possui apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) segundo Res 466/12/CNS sob o parecer de número 4.819.146. As mulheres que participarem deste estudo foram esclarecidas quanto ao objeto de investigação deste estudo e à natureza da coleta de dados. Todos as participantes concordaram e realizaram consentimento do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE).

A primeira etapa diz respeito pesquisa de natureza aplicada com abordagem qualitativa através de revisão sistemática da literatura seguindo os princípios do PRISMA Statement (PRISMA, 2020). Referente à estratégia de pesquisa e fontes de informação, a pesquisa foi realizada na base de dados da US National Library of Medicine (PubMed), com a expressão booleana sobre descritores "violence against AND women AND intimate partner violence AND pandemic AND COVID-19" para o período de 2020 até 2021. Referente aos critérios de elegibilidade, a seleção limitou-se à espécie humana e às categorias de artigo clássico, ou seja: ensaio clínico; ensaio clínico controlado; ensaio clínico randomizado; estudo clínico e meta-análise. Foram excluídos os artigos que (1) não se relacionavam com o tema, ou (2) foram publicados em língua diferente do português, inglês e espanhol. Esta etapa do estudo, portanto, limitou-se a violência contra a mulher especificamente durante a pandemia do COVID-19; ou seja, não foram avaliados outros

estudos sobre cenários de emergências sanitárias. Foram considerados quaisquer tipos de violência: física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral. Restringiu-se a violência de gênero, violência contra a mulher e violência por parceiro íntimo, não abordando outros, tais como violência contra a criança ou idoso.

A segunda etapa constituiu-se na aplicação de questionário respondido por mulheres vinculadas a uma entidade de nome social “Comunidade Social Cristã Beneficente”, situada em cidade no Norte Central do estado do Paraná. Participaram da pesquisa 34 mulheres que responderam a questões de três conteúdos: (i) conteúdo epidemiológico, (ii) uso de recursos tecnológicos e (iii) acerca da violência de gênero sofrida por elas ou não e do possível relato dessa agressão. A compilação destes resultados subsidiou a determinação das variáveis a serem exploradas na proposta do software a fim de responder à pergunta que impulsiona o estudo. Os dados coletados foram organizados em planilhas do Excel e as respostas obtidas foram agrupadas e analisadas.

A execução da etapa de pré-requisitos segue o processo de desenvolvimento do protótipo software proposto por LEAN START UP (RIES, 2012). Um dos diferenciais desta proposta é o desenvolvimento junto ao cliente, que incentiva um processo interativo junto à “potenciais clientes” (neste caso, as mulheres) e cuja premissa principal é validar a solução junto à estas mulheres.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que se refere a primeira etapa da pesquisa, revisão sistemática da literatura, na coleta de dados foram analisadas um total de 82 publicações onde 11 artigos foram selecionados por satisfazer os critérios de elegibilidade e foram separados para leitura completa. Contudo, devido à indisponibilidade de acesso completo a dois artigos, estes foram excluídos do presente estudo. Os outros estudos foram excluídos (n = 68) porque (i) não continham dados concretos que demonstram a relação entre a violência de gênero e a pandemia do COVID-19, (ii) eram duplicados ou (iii) não se enquadram nos tipos de estudos preconizados. Uma síntese da aplicação da revisão sistemática é apresentada na Figura 1.

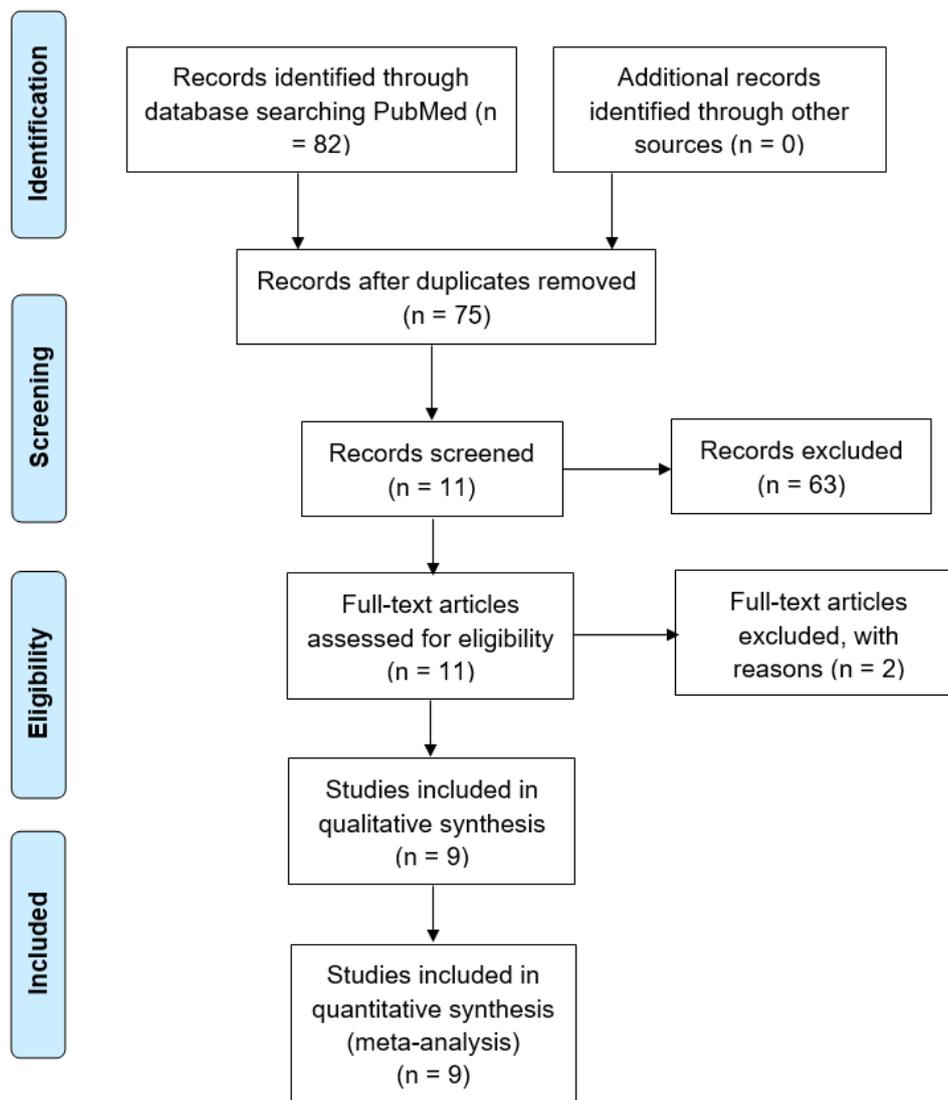


Figura 1 - Fluxograma para novas revisões sistemáticas que incluíram pesquisas de bancos de dados e registros apenas

Fonte: Dados da pesquisa (PRISMA, 2020)

Os 9 estudos selecionados apresentam a relação entre violência contra a mulher e este período da pandemia COVID-19, comparando os dados obtidos com informações anteriores à pandemia, e procurando avaliar a vulnerabilidade apresentada. A Tabela 1 apresenta as principais características dos estudos selecionados. Note que, 22,2% (n=2) desses estudos demonstram equivalência nos índices de violência do período pré e durante a pandemia; destes, 11,1% (n=1), apesar de não demonstrar aumento quantitativo, revela agravamento do tipo de lesão sofrida na violência física. Têm-se que 77,7% (n=7) dos estudos indicam aumento da violência de gênero relacionado às medidas de contenção do COVID-19, onde 33,3% (n=3) destes estudos apresentam um aumento maior do que 20%. Além disso, 33,3% (n=3) constata que a violência psicológica teve um aumento mais significativo; e 33,3% (n=1) relata acréscimo em todas as formas de violência combinadas, salientando que a psicológica foi a mais pronunciada. Ademais, 22,2% (n=2) manifestam que as mulheres que já sofriam violência antes do período da pandemia, estavam mais propensas a sofrer violência durante esta pandemia.

Tabela 1: Principais características dos estudos selecionados

Autor e Ano	Local	Tipo de estudo e amostra	Parâmetros	Principais achados
GEBREWAHD, G. T., GEBREMESKEL, G. G., TADESSE, D. B., 2020	Aksum, Etiópia	Aplicação de questionário, 682 mulheres	Aborda violência psicológica, violência física e violência sexual. Bem como a propensão em relação a ocupação da vítima, o status matrimonial e a idade da vítima e agressor	Demonstrou prevalência relativamente alta de violência contra a mulher.
ABUHAMMAD, S., 2020	Jordânia	Aplicação de questionário, 687 mulheres	Aborda a violência contra a mulher como um todo e comparou dados referentes a mulheres que sofriam violência antes e que continuaram a sofrer durante a pandemia.	Indicou que a violência de gênero é um problema grave e que continua sendo mal compreendida.
TADESSE, A. W. et al, 2020	Cidade administrativa de Dessie, Etiópia	Aplicação de questionário, 617 mulheres	Aborda violência psicológica, violência física apenas em mulheres casadas e coabitadas.	Identificou fatores de risco relacionados a violência de mulheres casadas e coabitadas, bem como a alta prevalência desta no período de pandemia.
FRANCO, M di, MARTINES, G. F., CARPINTERI, G., TROVATO, G; CATALANO, D., 2020	Catania, Sicília, Itália	Análise documental, 128 pacientes	Aborda a diferença entre a quantidade de procuras ao pronto socorro de antes e de depois dos bloqueios.	Identifica que o questionário da OMS tem um bom poder de identificar violência, recomendando sua utilização.
AGÜERO, J. M., 2020	Peru	Análise documental, 4.075 observações	Aborda a quantidade de ligações para a linha de apoio a violência contra a mulher e comparou com período anterior a pandemia.	Exalta a necessidade de abordar políticas que possam conter os efeitos das medidas de isolamento social nessa população.

GOSANGI, B. et al, 2021	Nordeste dos Estados Unidos	Análise documental, 404 mulheres	Aborda os padrões de gravidade das vítimas de violência e comparou com dados de antes da pandemia.	Verifica que as lesões no período de pandemia foram de maior gravidade.
HAMADANI, J. D. et al, 2020	Bangladesh	Ensaio clínico randomizado com 2417 mulheres.	Aborda renda, segurança alimentar e saúde mental e violência por parceiro íntimo durante a pandemia	Observa aumento nos relatos de violência. Bem como, a presença de riscos econômicos, psicossociais e físicos significativos para o bem-estar de mulheres e suas famílias.
XUE, J. et al, 2020	Dados da internet. Sem localidade específica	Análise documental, 1.015.874 tweets	Aborda relatos em tweets relacionados à violência familiar e COVID-19.	Indica que faltam dados sobre as consequências do COVID-19 na violência familiar.
SEDIRI, S. et al, 2020	Tunísia	Aplicação de questionário, 751 mulheres	Aborda a saúde mental das mulheres durante a pandemia do COVID-19	Demonstra a necessidade de medidas a longo prazo e estratégias práticas de intervenção iniciando com educação.

Fonte: Dados da pesquisa

No que tange a segunda etapa da pesquisa, 34 mulheres vinculadas a uma entidade de nome social “Comunidade Social Cristã Beneficente” responderam ao questionário aplicado. A média de idade das participantes foi de 38 anos, sendo que 65% (n=22) são brancas, 21% (n=7) pardas e 15% (n=5) negras. Dessas, 56% (n=19) relataram estarem casadas ou em uma relação estável em média durante 12 anos. Demais dados epidemiológicos estão agrupados na Tabela 2.

Tabela 2: Dados epidemiológicos (n=34)

Relacionamento	Companheiro (n=19)	Renda fixa	Religião	Escolaridade	Filhos
35% Casadas	Média de idade de 38 anos	85% das mulheres possuem renda fixa própria	71% Católicas (Dessas, 42% frequentam encontros religiosos)	38% Ensino Superior	85% Possuem filhos
26% Solteiras	21% Ensino superior	Média de 1,6 salários mínimos (salário mínimo: R\$1100,00)	26% Evangélicas (Dessas, 67% frequentam encontros religiosos)	32% Ensino médio	
6% Divorciadas	16% Ensino médio		3% Sem religião	21% Ensino Fundamental	
21% Relação Estável	21% Ensino fundamental			9% Não responderam	
12% Viúva	42% Não responderam				

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionadas acerca do uso de recursos tecnológicos, 59% (n=20) responderam que possuem perfil em rede social e que faz pesquisa na internet, para compreender um determinado assunto. Além disso, 88% (n=30) relata usar aplicativos para comunicação, dessas, 100% faz uso do *WhatsApp*, 63% *Facebook*, 53% *Instagram* e 7% *Telegram*. Sobre o uso de outros aplicativos, 74% diz utilizar, dessas, 84% utiliza aplicativo bancário, 40% entretenimento, 4% jogos e 4% outros aplicativos (ex. *TikTok*).

Em relação á violência de gênero, 44% (n=15) das mulheres relataram que já sofreram algum tipo de violência. Na tabela 3 estão descritos demais dados acerca desse tema. Ademais, 91% (n=31) das participantes acreditam que o período da pandemia do COVID-19 possa agravar casos de violência, sendo que 87% dessas acredita que a violência possa aumentar de intensidade e de frequência e 13% pensa que a violência possa aumentar apenas no que diz respeito a frequência. Quando questionadas referente ao papel da internet e de aplicativos no relato da violência, 76% (n=26) considera que a internet auxiliou/auxiliaria o momento relato e 82% (n=28) entende que o uso de aplicativos nos aparelhos celulares que auxiliam no relato pode ser uma ferramenta útil.

Tabela 3: Dados acerca da violência de gênero

Tipo de violência sofrida (n=15)	Tempo em que sofreu/sofre violência (n=15)	Piora da violência durante a pandemia (n=15)	Primeira fonte que relatou/relataria a violência (n=34)	Dificuldade que encontrou/encontraria para relatar a violência (n=34)
40% Violência física	47% sofreram/sofrem por menos de 5 anos	7% diz ter apresentado piora com a pandemia	59% Familiares	62% Medo do agressor
100% Violência verbal e/ou psicológica	20% sofreram/sofrem por mais de 5 anos e menos que 10 ano	33% diz não ter apresentado piora com a pandemia	38% Amigos	26% Medo de não ser acreditada

40% Violência moral	33% sofreram/sofrem por mais de 10 anos	47% diz não ter sofrido violência durante a pandemia	26% Delegacia da mulher	29% Medo em relação ao sustento financeiro
13% Violência sexual		13% não responderam	15% Polícia	44% Vergonha
20% Violência patrimonial			9% Rede de apoio a mulher	29% Medo em relação ao(s) filho(s)
60% das mulheres sofreram mais que um tipo de violência			3% Rede de saúde	24% Dificuldade em saber a quem recorrer
			3% Igreja	18% Medo de exposição
			12% Não responderam	6% Medo em relação a comunidade

Fonte: Dados da pesquisa

Ambas etapas desse estudo convergem no que diz respeito ao tipo mais prevalente de violência sofrida. Ao passo que 33,3% (n=3) dos estudos analisados na revisão sistemática constatam que a violência psicológica teve um aumento mais significativo no período da pandemia, 100% das mulheres que, na aplicação do questionário, relataram já ter sofrido violência, a tipificaram como sendo verbal e/ou psicológica. Ainda, 77,7% (n=7) dos estudos demonstraram aumento da violência de gênero relacionado às medidas de contenção do COVID-19, o que também converge com as considerações das participantes da pesquisa em que 91% (n=31) acreditam que o período da pandemia do possa agravar casos de violência.

É conhecido que situações de estresse, como emergências sanitárias, elevam a incidência de violência de gênero. No entanto, esta pandemia salientou a relação entre o isolamento social e o aumento da violência doméstica (BELLIZZI, 2020). Diversos fatores estão relacionados, em especial o fato de que as medidas de contenção, que visam a redução da disseminação do vírus, por si só fazem com que a vítima e o agressor coabitados acabem por conviver por mais tempo, o que aumenta as chances de conflito. Além disso, à mudança na rotina e insegurança financeira adicionam estresse extra no convívio da vítima com o agressor (ROESCH, 2020).

Ainda, muitas mulheres não notificam a violência por medo, vergonha ou receio de que sejam desacreditadas (GULATI, 2020), o que levaria a uma subestimação dos dados, ou seja, o contexto de violência de gênero pode ser ainda mais grave do que parece. A segunda etapa desse estudo constatou que a maioria (62%) das participantes descrevem o medo do agressor como uma das dificuldades de efetuar a denúncia. Dessa forma, quando questionadas de que maneira o uso de aplicativos poderia ajudar nesse cenário, as participantes relataram que a facilidade de acesso e manuseio, bem como a possibilidade de anonimato, seriam pontos chave dessa ferramenta. Ainda, 9% (n=3) das mulheres citaram a possibilidade de contato rápido com um canal de emergência, como por exemplo um botão do pânico, como sendo uma opção a ser considerada para esse aplicativo.

Além disso, é significativo levar em conta não só os pontos positivos do uso de ferramentas como essa, como também os possíveis pontos negativos para que esses sejam minimizados. Dessa maneira, 18% das mulheres participantes julgaram que o uso de aplicativo não seria uma ferramenta útil nesse contexto. Entre as declarações, citaram que existe dificuldade de expor a vida privada a quem nunca viu, consideraram que a internet não é um meio confiável e que para sair de um contexto de violência só depende

da vítima. Ficando claro a necessidade de incorporação de conteúdos que transmitam segurança a usuária do aplicativo.

4 CONCLUSÃO

De acordo com o elucidado pelas etapas desse trabalho, torna-se evidente a necessidade de que medidas visando o combate da violência de gênero especialmente em períodos de crise sanitária, como COVID-19, sejam prontamente aprimoradas. Nesse contexto, o desenvolvimento de um *software* que funcione como uma ferramenta não só de denúncia, como também de educação e apoio, aparece como uma alternativa viável, aplicável e potencialmente muito efetiva. Como pré-requisitos para o desenvolvimento de tal aplicativo, foi identificado (i) a necessidade de uma abordagem que vise manter as mulheres usuárias seguras de que trata-se se um ajuda séria e de que não será exposta, (ii) seja uma ferramenta de fácil manuseio e intuitiva, (iii) possua alternativas emergenciais, onde a mulher possa estar em contato rapidamente com forças policiais e de apoio, (iv) tenha como base o tipo mais prevalente de violência, a verbal/psicológica e (v) para sua construção leve em consideração os principais medos apresentados, como medo do agressor e vergonha.

REFERÊNCIAS

BELLIZZI, S., NIVOLI, A., LORETTU, L., FARINA, G., RAMSES, M., RONZONI, A. R. Violence against women in Italy during the COVID-19 pandemic. **International Journal Of Gynecology & Obstetrics**, [S.L.], v. 150, n. 2, p. 258-259, 15 jul. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/ijgo.13270>.

BRASIL. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. Brasília, p. 1-17. abr. 2020

EVANS, D. P.. COVID-19 and violence: a research call to action. **Bmc Women'S Health**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 1-6, 10 nov. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12905-020-01115-1>

GARCIA, L.P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**, v.29, n.2, e2020222, 2020. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200100&lng=en&nrm=iso>.

GULATI, G., KELLY, B. D.. Domestic violence against women and the COVID-19 pandemic: what is the role of psychiatry?. **International Journal Of Law And Psychiatry**, [S.L.], v. 71, p. 1-4, jul. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijlp.2020.101594>.

Infographic: The Shadow Pandemic - Violence Against Women and Girls and COVID-19, **UN WOMEN – United Nations Women**. [s. l.]: UN WOMEN. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/multimedia/2020/4/infographic-covid19-violence-against-women-and-girls>. Acesso em: 04 maio 2021.

RIES, E. A startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas /; [tradução Texto Editores]. – São Paulo : Lua de Papel, 2012.

ROESCH, E., AMIN, A., GUPTA, J., GARCÍA-MORENO, C.. Violence against women during covid-19 pandemic restrictions. **Bmj**, [S.L.], p. 1-4, 7 maio 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m1712>.

Transparent Reporting of Systematic Reviews and Meta Analyses, **PRISMA**. [s.l.]: PRISMA. Disponível em: <http://www.prisma-statement.org/>. Acesso em: 04 maio 2021..

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. 20. Mar 2020. Disponível: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---20-april-2020>